

António Mora

Uma sensação, ou um sentimento, é um movimento exclusivamente no tempo

A. Mora :

Uma sensação, ou um sentimento, é um *movimento exclusivamente no tempo e não*, como os movimentos na matéria menos subtil, *no tempo e no espaço* .

Uma sensação é um movimento porque é uma coisa que existe no tempo; nada pode existir no tempo sem se alterar, e alterar-se é mover-se.

Uma sensação, dir-se-á, não pode existir sem consciência, e um objecto material pode. Mas pode como? Pode existir sem a *minha* consciência dele, sim; mas sem a *consciência* dele não pode. Nem mesmo, porventura, pode existir *sem uma consciência atômica de si* .

De um lado a consciência, do outro os Números . Como é que uma sensação pode ser matéria? Temos ao menos que admitir uma consciência por fora, e outra por dentro, dos objectos. A consciência varia conforme os objectos, mas como é que varia de *ver uma árvore a sentir uma dor*?

Na sensação de uma dor, distingamos entre a consciência abstracta, a dor, e o lugar onde se sente.

A consciência que *vê* uma *árvore* e a que *sente* uma dor é a mesma; mas nem ver é o mesmo que sentir, nem uma dor se parece com uma árvore.

1º A dor não é sentida *na* e só *pela* consciência, mas *no* indivíduo. A vista não é vista na consciência, é no indivíduo que é.

Na dor, desde que omito a consciência, omito a dor; mas a consciência não é a dor, mas só a consciência; a dor não é portanto, nem exterior à consciência, porque se esta não houver não há a dor nem igual à consciência, porque consciência não quer dizer dor. O que é, então, a dor? No caso de eu ver uma árvore, se omitir a consciência, não omito a árvore, omito a *visão*.

A consciência de uma dor é *como* a consciência *de ver uma árvore*. Para além da visão concebo a árvore; para além da dor não concebo nada. Mas não concebo porque, aqui tomo *conceber* por = *ver, a existir no espaço* . Aí está o erro.

A consciência da dor é a consciência de uma pura matéria, que *existe no tempo, mas só no tempo* .

Será a visão apenas a consciência da *relação* entre um corpo do tempo (*ver*) e um corpo do espaço (*árvore*)? A *árvore* existe *só no espaço* ; a *visão* (visão da árvore, aqui) é que *existe no tempo, mas só no tempo*.

Poderá haver consciência da árvore sem consciência da visão? Poderá ver-se a árvore sem se ver? Poderá haver consciência, ver-se a árvore só no espaço, e não, também, no tempo?

Dir-se-á a árvore não existe só no espaço; existe *no tempo* também. Mas é a árvore que existe *no tempo também, ou é só a visão que existe no tempo* ; e a *visão e árvore* (a visão da árvore) *no tempo e espaço* ?

Se, porém, (como já foi pensado) tempo e espaço não existe, o que é isso?

Tempo, como espaço, têm de comum a pluralidade, que, no tempo, é *duração* (tempo + tempo + tempo + ∞ tempo) e no espaço é a *extensão* (espaço + espaço + espaço + ∞ espaço). Tempo e espaço, são, portanto *números*; mas ou são números de espécie diferente, ou simplesmente números, tomando-os todos diferentes.

(Tempo = Consciência da pluralidade)?

(Espaço = Existência da pluralidade)?

(Cor, forma, etc. = Semelhança entre números).

O tempo é a relação entre o espaço e a consciência. *Antes* : Extensão é a relação entre os números e a consciência, sendo na extensão denominada tempo do lado da consciência e espaço do lado dos números.

Como, porém, entre a consciência e o número não pode haver relação, segue-se que não há extensão, isto é, que não há tempo nem espaço.

Relação com a Lei (Fado).

A consciência não existe: é consciente. Os números não são conscientes: existem. As almas individuais são uma ilusão do Tempo; a alma colectiva é uma transferência da ideia falsa de alma individual para a ideia falsa de infinito.

O tempo e o espaço, considerados como tais abstractamente são ideias de *infinito*: portanto não existem.

A Realidade aparece à consciência como *número*, mas os números são talvez *ilusões*. E não são os números *abstracções, finais do interlúdio* ?

A consciência individual é uma função da Realidade.

De um lado a Realidade existindo; do outro, a consciência sendo consciente, sem existir. Entre estes dois termos sem semelhança aparece(m) a *Relação*, que nem existe, nem é consciente. Assim começou aquilo a que chamamos *o Mundo*.

Como imagem o sentiram os pagãos, pondo acima de tudo o indefinível *Destino*.

Antes do Destino, a Realidade na Realidade e a Consciência cônica. Antes de Saturno a Realidade tornou-se número, e a Consciência (. . .).

Nascido Saturno, os números tornaram-se Espaço e a consciência Tempo.

*

Impossíveis de ser pensados como *Um*, porque não têm a mesma semelhança; como *Dois* (pois 2 é um *número* e nem a consciência é número, nem a realidade é número). A consciência e a Realidade são impensáveis, e do ponto de vista do pensamento, impossíveis.

1916?

Textos Filosóficos. Vol. II. Fernando Pessoa. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.) Lisboa: Ática, 1968: 190.